

O FANTÁSTICO E A URBANIZAÇÃO NO CONTO “O EDIFÍCIO”, DE MURILO RUBIÃO

Tainá de Moura Santos¹
Ivanilza Cinesio Gomes²

RESUMO

Considerado pela crítica como o precursor da narrativa fantástica no Brasil, o escritor Murilo Rubião (1916-1991) dedica sua obra a abordar o insólito ficcional de modo naturalizado, tendo o cotidiano e o homem moderno como figuras essenciais para revelar o absurdo da existência humana. É na cidade, ambiente entregue a máquina e ao consumo, que está o absurdo da vida e, para o autor, a convivência com as máquinas e a tecnologia já tem seu caráter fantástico. Assim, firmando nossos procedimentos de estudo como pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, realizamos uma análise do conto “O edifício”, de Murilo Rubião, publicado no livro *Os dragões e outros contos* (1965), investigando como o autor elabora suas críticas à sociedade moderna e ao rápido processo de urbanização das cidades. Como resultado, atesta-se que através do conto “O edifício”, que narra a construção infundável de um arranha-céu, Rubião faz referência aos grandes prédios e as cidades que a cada dia estão crescendo verticalmente. O escritor tece críticas a megalomania e a condição automatizada da sociedade moderna.

Palavras-chave: Literatura Fantástica, Murilo Rubião, Cidade, Urbanização.

INTRODUÇÃO

A literatura fantástica é um modo literário antigo com reminiscências nos clássicos gregos e latinos, que foi definida e academicamente reconhecida a partir da literatura gótica do século XVIII. O fantástico trata da união de elementos naturais e sobrenaturais, ele se caracteriza por apresentar o mundo tal como conhecemos e, nesse cenário, introduzir um elemento que contrarie o que entendemos por realidade, pondo o leitor em confronto com esse fenômeno. Ou seja, aquilo que “transgride as leis que organizam o mundo real, aquilo que não é explicável, que não existe, de acordo com essas leis.” (ROAS, 2001, p. 8)³.

Embora amplamente difundido na Europa no século XIX através dos diversos autores como E. T. A. Hoffmann, Edgar Allan Poe, Charles Baudelaire entre outros, a chegada da literatura fantástica no Brasil foi escassa e com poucos exemplos de autores que se dedicaram ao gênero. O primeiro a escrever em solo brasileiro obras que abordam situações insólitas foi Álvares de Azevedo. Inspirado no poeta britânico Lord Byron, ele escreveu *Noite na Taverna* (1855), uma novela que apresenta personagens ébrios, enigmáticos e obscuros, contando

¹Graduanda do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, tainasantos159@gmail.com;

²Graduanda do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, ivannilzacinesio@gmail.com,

³ As traduções feitas no presente pré-projeto são livres e feitas pelas presentes autoras.

histórias cheias de amores, devaneios e mortes, mas apresentando uma atmosfera descritiva nova, marcando assim um contraponto ao que estava sendo produzido no Brasil desta época. Junto com Álvarez de Azevedo, Machado de Assis também manifestou interesse pelo fantástico em algumas de suas produções, a exemplo do seu célebre romance realista *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), Machado de Assis quebra com a construção da realidade ao definir um defunto como narrador.

No entanto, apesar da presença dos textos destes autores, é apenas no século XX que vamos ter uma representação mais sólida e efetiva do fantástico na literatura brasileira. Com a publicação de um livro de contos *O ex-mágico* (1947), Murilo Rubião, escritor mineiro, inaugura a “ficção do insólito do absurdo” no Brasil segundo Antônio Cândido (1989).

Rubião começou a escrever jovem, ainda na faculdade publicava seus primeiros textos, entretanto, por seu trabalho meticuloso com a linguagem, sua produção é de apenas 32 contos, divididos em sete livros. Embora tenha recebido reconhecimento por parte da crítica literária, o mesmo não pode ser dito do grande público, o qual a obra permaneceu por muitos anos desconhecida (GOULART, 1995). Esse fato pode ser explicado pela tradição do fantástico no Brasil, que sempre foi escassa. Além disso, Murilo Rubião publicou seus livros em uma época infrutífera para o fantástico, período em que a literatura brasileira era fortemente influenciada pela literatura realista, que pregava, entre outras coisas, a tentativa de representação objetiva da realidade, portanto, não tinha qualquer vínculo com o sobrenatural. Todavia, mesmo inserindo elementos que fogem à realidade, a matéria-prima para a composição dos contos de Rubião é a vida, o homem moderno e as relações sociais vazias. Deste modo, sua fantasia é realista e repleta de críticas à sociedade.

Grande parte dos contos de Murilo Rubião se passam em pequenas cidades ou grandes centros urbanos. De acordo com Santos, os contos de Rubião podem ser vistos como alegorias da modernidade, à medida que “o espaço é o cenário urbano moderno, a relação do homem com o caos gerado pelo progresso desumano das grandes cidades.” (SANTOS, 2006, p. 2).

Os temas trazidos pelo autor abordam as inquietações do ser humano frente a uma sociedade que se moderniza rapidamente, sem que haja tempo para se adequar a essas mudanças. Nesse sentido, o sociólogo Zygmunt Bauman, no livro *Modernidade líquida* (2001), utiliza da natureza dos fluidos para fazer uma analogia ao caráter mutável das ideologias modernas. Segundo Bauman, a principal característica dos fluidos é a capacidade de adquirir formas variadas, uma vez que “não fixam espaços nem prendem o tempo” (2001, p. 8). Desse modo, as relações se tornam líquidas, voláteis e superficiais, pois não a transitoriedade da vida. De volta ao relato fantástico, podemos dizer que as narrativas

abordam personagens envoltos por certa liquidez, no sentido estabelecido por Bauman, uma vez que mostram as relações frágeis e inconsistentes do homem moderno.

Após essas considerações, nosso trabalho parte de uma perspectiva metodológica de abordagem qualitativa, de procedimento bibliográfico. Propomo-nos analisar o conto “O edifício”, de Murilo Rubião, objetivando expor como o autor elabora suas críticas à sociedade moderna e ao rápido processo de urbanização das cidades, que tendem, cada vez mais, a crescer verticalmente. A motivação para nossa pesquisa deu-se a partir da construção da fantasticidade dos contos rubianos, que ao problematizar o cotidiano e revelar problemas do mundo moderno como a burocracia, o tédio, a crise de identidade, a alienação, etc. nos faz questionar nossa própria realidade. Além disso, um ponto importante para a necessidade desta pesquisa se configura na exposição de Murilo Rubião enquanto escritor que primeiro escreveu uma obra integralmente dedicada ao fantástico, rompendo os padrões do realismo tradicional que vigorava no Brasil.

Para tanto, nossa pesquisa está embasada nas reflexões teóricas sobre a literatura fantástica de Jaime Alazraki (2001) e David Roas (2014); nos estudos sobre a modernidade de Zygmunt Bauman (2001), além de outras referências sobre Murilo Rubião, como os estudos de Jorge Schwartz (1981) e Aldemaro Taranto (1995).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O fantástico rubiano é fruto de uma adaptação do gênero às transformações sociais, culturais, histórias e políticas que deram saltos consideráveis a partir do século XX, com os avanços científicos e tecnológicos. O século XX foi marcado por grandes acontecimentos e conflitos humanos, como A Primeira Guerra Mundial (1914), os movimentos de vanguarda, a psicanálise de Freud, o surrealismo e o existencialismo, tais fatores acabaram por contribuir para a nova forma de enxergar a literatura fantástica (ALAZRAKI, 2001). Assim, deixam-se de lado as características, elementos e cenários sobrenaturais que permeavam o imaginário do homem e as narrativas de origem gótica dos séculos XVIII e XIX, e passa-se a colocar o homem, com toda sua complexidade, como personagem ideal para se pensar o fantástico.

Os contos de Rubião retratam o absurdo das cidades na vida das pessoas que nelas habitam, trabalham ou simplesmente visitam. Em uma entrevista concedida a Elizabeth Lowe, Rubião afirma que o fantástico não sobreviveria muito tempo no campo, ele teria que migrar

para o meio urbano, pois é na cidade, ambiente entregue as máquinas, que está o absurdo da vida:

O fantástico não convive bem com o campo porque ele tem que migrar para as pequenas cidades, para os grandes centros, se não ele fica na fantasia, no folclore. É na cidade, de onde aparentemente fugiu o mistério, porém, que encontramos com muito mais facilidade as coisas surrealistas, as coisas inexplicáveis que nós somos obrigados a aceitar. Os hábitos da cidade, essa entrega à máquina, essa entrega à sociedade de consumo, tornam a vida muito mais absurda do que nas fazendas onde a vida é mais simples, onde não há poluição, onde o homem está menos escravizado por todas essas máquinas infernais que o homem na cidade tem que aceitar. Já nos acostumamos à convivência com o fantástico diante dessas máquinas. (RUBIÃO, 2007, p. 3).

Neste aspecto, podemos citar o conto “A cidade”. Nesta narrativa, Rubião relata a história de Cariba, um solitário viajante que após o trem em que viajava se prolongar em uma determinada parada, resolve visitar uma cidade desconhecida. Lá é preso e detido sob a acusação de fazer perguntas, mesmo não sendo reconhecido por nenhuma das testemunhas. A condenação absurda que o protagonista deste conto é submetido aponta o teor insólito do conto, ao mesmo tempo em que nos possibilita uma interpretação alegórica, pois expõe o ambiente repressivo em que vivemos, em que a sociedade se apresenta de forma alheia e alienada as situações que são postas, tendo ainda como forma de punição qualquer forma de questionamento às autoridades.

De modo análogo, no conto “O edifício” aspectos da vida urbana também atuam de forma esmagadora na vida dos personagens. O conto narra a história do engenheiro João Gaspar, jovem recém-formado que é contratado para assumir o desafio de construir “o maior arranha-céu que se tinha notícias” (RUBIÃO, 2010, p. 60). Após anos dedicados a construção, o engenheiro se vê no fim da vida ainda preso neste projeto interminável e impossível de ser interrompido, restando apenas resignar-se e observar insatisfeito a construção ganhar altura.

O conto “O edifício”, descrito por Goulart como “um dos mais notáveis textos murilianos” (2002, p. 17), foi publicado pela primeira vez em 1965 no livro *Os dragões e outros contos*, ele é dividido em dez pequenos itens: a lenda, a advertência, a comissão, o baile, o equívoco, o relatório, a dúvida, o desespero, o engano e os discursos, dos quais nos debruçaremos mais detalhadamente a seguir.

Os itens um e dois (“A lenda” e “A advertência”), atuam como uma espécie de premonição da narrativa, pois apontam exatamente os rumos que serão tomados na construção do arranha-céu. Durante a reunião com o Conselho Superior da Fundação, João Gaspar, engenheiro recém-contratado, recebe instruções dos conselheiros e ouve uma antiga lenda que alertava sobre uma confusão no meio dos obreiros quando o prédio atingisse o 800º andar. Sendo assim, aconselhava-se que se evitassem quaisquer motivos de desarmonia entre os

empregados. Além disso, o protagonista foi advertido para que não alimentasse a vaidade de terminar o edifício:

— Nesta construção não há lugar para os pretensiosos. Não pense em terminá-la, João Gaspar. Você morrerá bem antes disso. Nós que aqui estamos constituímos o terceiro Conselho da entidade e, como os anteriores, jamais alimentamos a vaidade de sermos o último. (RUBIÃO, 2010, p. 61).

A profecia chama atenção do engenheiro, porém, em momento algum ele se espanta ante o fato de o prédio ter ilimitado número de andares. Esse não questionamento inicial do protagonista é um elemento comum nas narrativas fantásticas do século XX. Diferentemente dos textos fantásticos produzidos nos séculos anteriores, que tinham como uma das suas características basilares a vacilação/hesitação diante o fenômeno sobrenatural (TODOROV, 2004). No *Neofantástico*, assim nomeado por Alazraki (2001) para se referir as narrativas que a partir do século XX rompem com a construção do fantástico tradicional, os personagens não se questionam, pelo contrário, aceitam passivamente a irrupção da sua realidade pelo fenômeno insólito. Um exemplo dessa falta de questionamento pode ser visto na obra *A Metamorfose*, de Kafka, em que o protagonista acorda em uma manhã transformado em inseto. O fato mais surpreendente desta obra não é apenas a metamorfose de Gregor Samsa, mas, “a falta de surpresa ante este acontecimento inaudito” (TODOROV, 2004, p. 88), ou seja, o fenômeno insólito não produz em Gregor e em sua família nenhuma vacilação.

Na sequencia do conto, no item três (“A comissão”) vemos o lado profissional de João Gaspar, que odiava improvisações e analisava minuciosamente cada detalhe da obra antes de encher-se a primeira fôrma de concreto. Ele instituiu uma comissão que fiscaliza o pessoal, organizava tabelas de salários e elaborava boletins. Tal medida evitou percas de tempo e aumentou o rendimento da construção. Por fim, para garantir a camaradagem entre os obreiros, “desenvolviam-se aos domingos alegres programas sociais.” (RUBIÃO, 2010, p. 62) e realizava festas a cada cinquenta andares construídos. O tempo foi passando e João Gaspar envelhecendo.

De acordo com Fróis, Murilo Rubião, através do trabalho eficiente com a linguagem, reafirma o contexto urbano “como habitat privilegiado das atitudes estranhas do ser humano e do seu processo de desumanização” (FRÓIS, 2009, p.21). Esse aspecto é nítido no processo de envelhecimento do personagem. O autor não nos diz exatamente quantos anos se passam, mas, com o passar dos anos, percebe-se a mudança e o desgaste do engenheiro. Ele vai desumanizando-se com o tempo, perdendo, junto com sua jovialidade, a euforia que alimentava pela gigantesca obra. E o entusiasmo foi substituído pelo desânimo de toda uma vida dedicada ao trabalho.

No item quatro (“O baile”), a tranquilidade que vigorava até o presente momento deu lugar a uma grande confusão. Ao atingir o 800º pavimento, realizou-se uma festa maior que as antecessoras, no entanto, tal acontecimento culminou em uma grande briga entre os trabalhadores:

Pela madrugada, porém, o álcool ingerido em demasia e um incidente de pequena importância provocaram um conflito de incrível violência. Homens e mulheres, indiscriminadamente, se atacaram com ferocidade, transformando o salão num amontoado de destroços. Enquanto cadeiras e garrafas cortavam o ar, o engenheiro, aflito, lutava para acalmar os ânimos. Não conseguiu. (RUBIÃO, 2010, p. 62)

Tal como descrito no item “A lenda”, cumpria-se a antiga profecia, a confusão estava instaurada entre os obreiros. O incidente poderia ruinar a obra, pois, nas palavras do Conselho Superior da Fundação, essa briga seria o motivo do “malogro definitivo do empreendimento.” (RUBIÃO, 2010, p. 60).

No item cinco (“O equívoco”), o protagonista tranca-se envergonhado em casa, mas, para sua surpresa, após uma visita dos auxiliares, recebe a notícia de que a obra não havia parado. O empreendimento continuou e a vaidade foi se instaurando do engenheiro: “— Daqui para frente nenhum obstáculo interromperá nossos planos! (Os olhos permaneciam umedecidos, mas os lábios ostentavam um sorriso de altivez.)” (RUBIÃO, 2010, p. 63).

No item seis (“O relatório”), tudo caminhava bem, mais noventa e seis andares foram acrescentados ao prédio. Para “prolongar o sabor do triunfo”, João Gaspar resolveu redigir um relatório para os diretores da Fundação, contando os “pormenores da vitória”. Dirigindo-se à sede do Conselho, uma surpresa o aguardava: “havia morrido os últimos conselheiros e, de acordo com as normas estabelecidas após a desmoralização da lenda, não se preencheram as vagas abertas.” (RUBIÃO, 2010, p. 64). Sem novas diretrizes e metas para a construção, o trabalho de João Gaspar foi ficando sem sentido: “De nada sabia, nem mesmo por que estava ali, sem padrões e serviços a executar.” (RUBIÃO, 2010, p. 64).

Enquanto tinha os membros do Conselho, o engenheiro recebia ordens e via um propósito para seu trabalho. No entanto, quando se viu sozinho, começou a ter crises de ansiedade e “refletir sobre a inutilidade de uma construção que não teria fim” (GOULART, 1995, p. 76). Tal como mito de Sísifo, que foi obrigado a rolar uma enorme pedra até o cume de uma montanha, vê-la rolar por conta do seu peso, e recomeçar o trabalho do ponto de partida, João Gaspar também se encontrava em um trabalho infinito e sem sentido.

No item sete (“Dúvida”), a euforia que tomava conta de João Gaspar no início da narrativa deu lugar ao desânimo. Ele perambulava melancólico pelos pavimentos do edifício, envolto por questionamentos: “Por que legavam a um mero profissional tamanho encargo?”

Quais os objetivos dos que tinham idealizado tão absurdo arranha-céu?” (RUBIÃO, 2010, p. 64). De acordo com Schwartz, essa constatação, como consciência dos seus próprios atos, é “o elemento desencadeador da lógica do absurdo” (SCHWARTZ, 1981, p. 22).

O tédio também tomou conta e aumentou o fardo existencial do protagonista: “Queixava-se aos amigos do tédio que lhe provocava o infindável movimento de argamassa, pedra britada, formas de madeira, além da angústia que sentia, vendo o monótono subir e descer de elevadores.” (RUBIÃO, 2010, p. 65). No fantástico do século XX, que tem como marca construir o insólito a partir de cenas do cotidiano, o tédio é um traço recorrente nos personagens, que não conseguem se libertar da esmagadora rotina diária. Dois contos exemplares de Rubião são “O convidado” e o “O ex-mágico da Taberna Minhota”. No primeiro, o personagem, José Alferes, está tedioso em uma festa, na espera algo acontecer, o que não ocorre; no segundo, o narrador perde seus poderes mágicos depois que ele se torna um funcionário público submetido à tediosa rotina do trabalho burocrático. Tais exemplos deixam transparecer o quanto a rotina pode se converter em algo desesperador, tedioso e angustiante, como afirma Candido: “O próprio cotidiano, quando se torna tema de ficção, adquire outra relevância e condensa-se na situação limite do tédio, da angústia e da náusea.” (CANDIDO, 1972, p. 46).

Na sequência do conto, no item “O desespero”, João Gaspar tenta encerrar aquele trabalho estéril, apelando para a compreensão dos servidores. Corteses, os empregados repeliam a ideia de abandonar o trabalho. Neste item vemos o desenrolar do reconhecimento de João Gaspar quanto à tragicidade do edifício:

— Ouçam-me — pedia ele, impaciente com a obstinação dos subordinados. — É inexequível um monstro de ilimitados pavimentos! Seria necessário que as fundações fossem reforçadas à medida que se aumentasse o número de andares. Também isso é impraticável.” (RUBIÃO, 2010, p. 64).

Como suas palavras não surtiam efeito, o herói tomou a iniciativa de demitir todo o pessoal, mas os operários “se negaram a aceitar o ato de dispensa. Alegavam a irrevogabilidade das determinações dos falecidos conselheiros” (RUBIÃO, 2010, p. 64). Trindade (2013), ao analisar a questão existencialista nas obras de Murilo Rubião e no escritor angolano Mia Couto, assinala a esterilidade dos personagens de ambos os escritores em modificar sua própria realidade. Nas palavras do pesquisador:

Presos pela força de um cotidiano que mostra ao homem sua incapacidade de modificar o mundo no qual convive, as personagens se tornam vítimas de sua própria realidade, presas em um ciclo do qual percebem não serem capazes de escapar, movidas por outras forças que também possuem o interesse de que ali permaneçam. (TRINDADE, 2013, p. 298).

De acordo com Bauman: “O velho limite sagrado entre o horário de trabalho e o tempo pessoal desapareceu. Estamos permanentemente disponíveis, sempre no posto de trabalho⁴”. Assim, o trabalho na modernidade se converte em um processo esmagador, dado que se extinguiu o tempo destinado ao descanso. Esse aspecto pode ser percebido nitidamente no conto, pois, contrariando os apelos do engenheiro, os servidores começaram a trabalhar durante a noite e aos domingos, sem descanso, independente de qualquer pagamento adicional. O sentimento do absurdo instaura-se novamente a partir dessa repetição desenfreada dos operários que vivem apenas para o trabalho, sem que ninguém saiba como, e nem onde isso vai terminar.

No item nove (“O engano”), a decisão dos obreiros de trabalharem incansavelmente trouxe alento ao protagonista, que esperava vê-los vencidos pela estafa, “pois lhes seria impossível manter por muito tempo semelhante esforço coletivo.” (RUBIÃO, 2010, p. 66). Mas, para seu engano, eles não apresentaram sinais de cansaço, e para ajudá-los vieram das cidades vizinhas centenas de trabalhadores que se dispunham a auxiliar gratuitamente os colegas: “Vinham cantando, sobraçando as ferramentas, como se preparados para longa e alegre campanha.” (RUBIÃO, 2010, p. 66). De nada adiantava o esforço de João Gaspar em recusar-lhes a colaboração, eles agiam indiferentes à agressiva repulsa do protagonista e começavam a trabalhar.

No último item (“Os Discursos”), o engenheiro não teve mais ânimo para enxotar os trabalhadores. Dedicou seu tempo a percorrer pelos inúmeros pavimentos do edifício. Fazia longos discursos e, muitas vezes, caía desfalecido de tanto falar. As palavras não surtiam efeito nos servidores, que com o passar dos anos habituaram-se a elas: “E, risonhos, os obreiros retornavam ao serviço, enquanto o edifício continuava a ganhar altura.” (RUBIÃO, 2010, p. 66).

Para Schwartz (1981), o conto dialoga com o mito bíblico da Torre de Babel, que narra a história de quando o homem tenta construir uma torre até os céus, numa tentativa de se igualar a Deus. O empreendimento da Torre de Babel teve fim após Deus castigá-los a falar diferentes idiomas, impossibilitando a comunicação e a construção da torre. Em vez de uma torre, Murilo Rubião cria um edifício, aludindo novamente à modernidade. Tal como a confusão de línguas que ocorreu no mito babélico, os discursos proferidos por João Gaspar surtem o efeito contrário, como se também não fossem compreendidos pelos demais.

⁴ Fonte: El País. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/09/cultura/1483983882_874557.html >

Contudo, em vez da paralização da obra, essa incompreensão culmina em um processo de construção cada vez mais rápido.

Perceba, assim, que os personagens são vítimas de processos que eles não controlam e sequer compreendem. João Gaspar não consegue paralisar a obra porque todos os trabalhadores já foram consumidos nesse processo mecanizado de construção. Para Schwartz, “O mundo mecanizado causa-lhe espanto e solidão; não consegue romper o automatismo dos homens nem fugir do local (contexto social) restando-lhe apenas a reintegração.” (SCHWARTZ, 1981, p. 53). Ou seja, embora que o engenheiro tenha lucidez sobre o fazer desprovido de sentido da construção, ele é incapaz de escapar ou alterar o próprio destino. O que lhe resta é resinar-se aos desígnios que lhes foram impostos, pois “sua condição absurda não é superável através da lucidez.” (SCHWARTZ, 1981, p. 23).

Neste conto, assim como em outros textos de Rubião, não temos a interrupção do fenômeno sobrenatural na narrativa, algo que transgrida bruscamente com as leis naturais. Embora pareça absurda a descrição de um edifício com “ilimitado número de andares”, não há, de fato, algo de natureza sobrenatural. No entanto, insólito do absurdo se configura no texto devido à condição infundável que a construção assume ao longo da narrativa, tornando-se a causa das angústias e perturbações existenciais do personagem. Ou seja, o insólito é ocasionado não por algo transcendental, mas pelo exagero do processo de construção que contraria a normalidade. Conforme aponta Schwartz, a hipérbole aparece nas obras de Murilo Rubião como “figura-chave que desvenda os mecanismos fantásticos da narrativa”. (1981, p. 70). Assim, Rubião utiliza acontecimentos da realidade cotidiana como pano de fundo para seus contos, como a construção de um prédio ou uma simples espera em uma fila, e os exageram, a ponto de convertê-los em algo absurdo e insólito.

O caráter deprimente e sombrio das cidades pode ser observado mais afundo na edição mais recente do conto “O edifício”, lançado pela Editora Positivo em comemoração ao centenário de Murilo Rubião. Através das ilustrações do brasileiro Nelson Cruz que contemplam a obra, nós podemos ver o uso recorrente de cores frias, tais como azul, cinza e preto que, em diálogo com a narrativa literária, refletem o espaço melancólico urbano.

Descrente em relação à sociedade moderna e tendo o espaço urbano como cenário para suas narrativas, Rubião vai traçar um perfil pessimista para seus personagens. Em sua maioria, serão indivíduos submissos, solitários e infelizes, que dificilmente alcançam seus objetivos. Entretanto, esse pessimismo não é gratuito, o autor utiliza dos elementos insólitos para fazer com que o leitor reflita sobre os diversos dilemas que assolam a sociedade moderna (SCHWARTZ, 1981).

“O edifício” traz à tona inúmeras críticas sócias, pois o processo hiperbólico de construção do arranha-céu representa o arquétipo da cidade moderna que, com todos seus excessos, acaba por ser destituída de sentido. O homem, nesse processo, se vê impotente frente ao caos da modernidade, fruto de um rápido processo de urbanização, com os grandes centros urbanos crescendo cada vez mais verticalmente e, conseqüentemente, com edificações cada vez mais altas. O que está em jogo do conto não é a quantidade de andares da construção, mas o processo automatizado de construção. Uma vez que não sobrou mais nada aos trabalhadores, senão continuar trabalhando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

David Roas, em *A ameaça do fantástico* (2014), afirma que vivemos em um universo em que prevalece a incerteza, “em que não há verdades gerais, pontos fixos a partir dos quais enfrentar o real” (ROAS, 2014, p. 66). Assim, Murilo Rubião ao inserir de forma tão banal os elementos insólitos nos contos, rompe com nossas convicções e noções de realidade, pois “descobrimos que nosso mundo não funciona tão bem quanto pensávamos” (ROAS, 2014, p. 67).

Constatamos que Rubião compõe seus contos valendo-se do contexto cotidiano como pano de fundo para a construção das narrativas. Uma casa, um trem, uma estrada, todos os aspectos mais corriqueiros podem se converter em algo absurdamente fantástico. Para tanto, a hipérbole foi um recurso amplamente utilizado pelo autor como desencadeador da lógica do absurdo. Além disso, o processo hiperbólico traz à tona as questões sociais implícitas no texto, como afirmou a pesquisadora Marcela Aguiar: “A hipérbole e a reiteração são recursos estilísticos recorrentes nos contos de Murilo Rubião e trazem para o plano da narrativa as imagens da crise interna do sujeito da modernidade” (AGUIAR, 2018, p. 102).

Por fim, percebemos que a criticidade do autor mineiro se dá de modo estritamente denunciativo, uma vez que o autor aponta o problema, mas não a solução. Os personagens, sempre alheios as suas próprias vidas, são vítimas de fenômenos que sequer são explicados. Em “O edifício”, acompanhamos a mudança de comportamento do protagonista, sua ambição inicial não se mantém até o término do conto, pois ele passa por um processo de reconhecimento que o leva a enxergar a esterilidade dos seus atos. Contudo, é inútil a tentativa de frear o trabalho dos operários, uma vez que todos já estão automatizados pelo processo de construção.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Marcela de Castro Ávila. **A banalização do insólito na modernidade líquida:** uma leitura d'O ex-mágico da Taberna Minhota, de Murilo Rubião. RAÍDO (online), v. 12, p. 95-112, 2018. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/download/7780/4754>>. Acesso em 19 de ago. 2020.
- ALAZRAKI, Jaime. ¿Qué es lo neofantástico? In: ROAS, David. **Teorías de lo fantástico**. Madrid: Arco Libros, 2001.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CANDIDO, A. A Nova Narrativa. In: **A Educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.
- CANDIDO, A *et al.* **As personagens de ficção**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FRÓIS, Wílson Barreto. **Murilo Rubião e o redimensionamento do real**. Belo Horizonte, 2009.
- ROAS, D. **A Ameaça do fantástico: aproximações teóricas**. São Paulo: UNESP, 2014.
- ROAS, D. **Teorías de lo fantástico**. Madrid: Arco/Libros, 2001.
- RUBIÃO, M. Murilianas. Entrevista concedida a Elizabeth Lowe. Disponível em <<http://www.murilorubiao.com.br/entlowe.aspx>> Acesso em: 22 set. 2007.
- RUBIÃO, M. **Murilo Rubião. Obra Completa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SANTOS, L. A. **A metamorfose nos contos fantásticos de Murilo Rubião**. Nau literária, 2006. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/download/4873/2788>>. Acesso em: 06 out. 2020.
- SCHWARTZ, J. Murilo Rubião: **A poética do Uroboro**. São Paulo: Ática, 1981.
- SCHWARTZ, J. **Murilo Rubião: Literatura Comentada**. São Paulo: Abril Educação, 1982.
- GOULART, A.T. **O Conto fantástico de Murilo Rubião**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1995.
- GOULART, A.T. **O fantástico Murilo Rubião**. Itinerários, Araraquara, 19: 15-24, 2002.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- TRINDADE, João O. Jr. **Ad Infinitum: O fantástico como questão existencialista em a fila, de Murilo Rubião e terra sonâmbula, de Mia Couto**. In: GARCÍA, F; BATALHA, M. C; MICHELI, R. (Org.). **Re-Memorando Murilo Rubião - 20 anos de sua Morte**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2013.